



A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DO FEMININO EM DIÁLOGO COM A NATUREZA A PARTIR DE UM OLHAR AUTOBIOGRÁFICO

Palavras-Chave: Arte contemporânea; Corpo-paisagem; Ana Mendieta; Brígida Baltar; Marcas de presença.

GABRIELA GOMES RODRIGUES, IA – UNICAMP
Profª. Drª. SYLVIA HELENA FUREGATTI, IA – UNICAMP

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar as aproximações, distanciamentos e diálogos entre as poéticas de duas artistas latino-americanas: Ana Mendieta (1948 - 1985) e Brígida Baltar (1959 - 2022) — no que se refere à construção de uma identidade feminina em relação simbólica com a natureza a partir de um olhar autobiográfico.

Mendieta e Baltar constroem um corpo de obras poético que aborda o feminino e a natureza, explorando dimensões autobiográficas nesse contexto. Por meio da fotografia, do vídeo e da performance, aproximam-se de questões intimistas e estabelecem conexões simbólicas e afetivas com o corpo, a paisagem e a memória.

Enquanto Mendieta explora a espacialidade exterior, registrando ali rastros de sua própria passagem/existência, Baltar volta-se para a interioridade, narrando fábulas visuais sobre abrigo, e colecionando silêncios e vapores.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida a partir da análise de artigos, monografias e livros que tratam da produção artística de Ana Mendieta e Brígida Baltar, além de publicações que discutem o feminino na arte contemporânea e a presença da natureza nas artes visuais.

Com base nessas leituras, foram selecionadas e analisadas algumas obras de ambas as artistas, com o apoio de catálogos, textos críticos e entrevistas para aprofundar a compreensão de suas poéticas.

A partir do referencial teórico e das análises realizadas, foi retomado meu próprio processo criativo, com o desenvolvimento de obras autorais que estabelecem diálogos com as produções de Mendieta e Baltar, articulando-se às minhas investigações como artista visual em formação. Realizei produções envolvendo desenhos e objetos artísticos, explorados por meio de performances registradas em fotografias e vídeo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ana Mendieta foi exilada ainda na infância, por motivos políticos, sendo enviada para os Estados Unidos. Ao longo dos anos nesse país, vivenciou e tomou consciência de sua condição de estrangeira: uma mulher não-branca, imigrante, cujo corpo e identidade estavam constantemente sob ameaça.

Por meio de intervenções na paisagem, na série “Silueta” (1973 - 1978), Mendieta utiliza-se do seu corpo e da carga social e política que ela carrega para marcar a paisagem natural de diversos locais (EUA, Cuba e México). Ao fundir sua silhueta à terra ou escavar sua forma no solo, ela inscreve na natureza sua identidade e sua memória ancestral.

A busca de Mendieta por conexão com a terra expressa um desejo de reencontro com um abrigo perdido na infância, uma forma de pertencimento e reconstrução de si. É por meio desse retorno simbólico à natureza que ela delinea sua identidade (CABANAS, 1999).

Seguindo essa lógica, quando Mendieta contorna seu corpo na paisagem, ela está, primordialmente, deixando um vestígio de sua presença — um rastro que, embora efêmero, existiu e foi eternizado através dos meios escolhidos por ela. Suas fotografias são evidências do lugar que, por um momento, ela ocupou. Assim, a artista marca sua presença no mundo, reafirmando sua existência e sua subjetividade e realocando corpos femininos não-brancos como o dela na história (FABA-ZULETA, 2020).



Fig. 01: Ana Mendieta. Imagen de Yagul, 1973, da série “Silueta”. Registro fotográfico.

Fig. 02: Ana Mendieta. Corazón de roca con sangre, 1975, da série “Silueta”. Registro videográfico.

Brígida Baltar, nascida e criada no Rio de Janeiro, se interessava mais pelos espaços vivenciais e íntimos que são tomados pelos silêncios inerentes aos sonhos. A natureza em suas obras se manifesta com sutileza, assumindo contornos de fábula e se tornando extensão de seus desejos e memórias (BAMONTE, 2013). No Projeto Umidades (1996 - 2001), em que coleta vapores (maresia, orvalho e neblina), Baltar registra-se percorrendo diferentes paisagens cariocas e tentando capturar os vapores incapturáveis e efêmeros, mas que revelam a busca pelo que é inacessível, distante e livre.

Quando aborda o espaço doméstico, através das foto-ações realizadas em sua casa-ateliê em Botafogo, Baltar delinea o mais íntimo dos espaços e, por consequência, a sua própria identidade. Os tijolos que retira das paredes se tornam testemunhos materiais da sua intimidade e da sua estadia/presença naquele local. São, portanto, objetos afetivos, ainda que não os mais óbvios (ALBUQUERQUE, 2018).

Nos últimos anos de vida, durante o tratamento de um câncer, Baltar submeteu-se a um estudo chamado quimerismo, experiência que intensificou seu interesse por temas como o hibridismo entre o corpo e a natureza. Na série “A carne do mar” (2017 - 2018), a artista cria delicadas cerâmicas em que formas humanas se fundem a seres marinhos abissais, evocando a bioluminescência como metáfora de sobrevivência. Essa fase final do trabalho radicaliza sua poética anterior: o corpo, a natureza e o íntimo tornam-se indissociáveis. Quando se volta para o elemento da concha, Baltar refaz em novas formas a perspectiva do abrigo, e torna o mar seu mais novo hábitat (CAMPOS, 2018).



Fig. 03: Brígida Baltar. A coleta da neblina, 1999. Registro fotográfico.

Fig. 04: Brígida Baltar. Abrigo, 1996. Registro fotográfico.



Fig. 05: Brígida Baltar. As águas que me invadem, 2017. Cerâmica crua esmaltada, 57 x 95 x 76 cm. Registro fotográfico.

CONCLUSÃO

Ana Mendieta e Brígida Baltar criaram a partir de experiências autobiográficas, conectando-se com o desejo de pertencimento e explorando as possibilidades que tornam o espaço um lugar por meio da presença do próprio corpo. Em suas ações poéticas, o corpo torna-se matéria e imprime vestígios na paisagem. No caso de Mendieta, a espacialidade externa passa a expressar a identidade inscrita no corpo, carregando marcas de uma identidade construída a partir do deslocamento do exílio e da reconexão simbólica com a ancestralidade. Sua silhueta é, ao mesmo tempo, reivindicação e afirmação de existência — um gesto de resistência frente às múltiplas violências sofridas. Mulher cubana que cresceu fora de Cuba; mulher não branca, estrangeira em território estadunidense; mulher que busca reencontro com suas raízes culturais e que enfrenta, em sua trajetória, as interseções das violências de gênero, raça e classe.

Com Baltar, é o espaço interno que se impõe como território poético. Trata-se de um lugar já atravessado pela artista, impregnado de memórias afetivas e relações estabelecidas ao longo de sua vida particular. Esse espaço íntimo torna-se ponto de partida para a incorporação da natureza em sua obra. Aos poucos, elementos naturais adentram ao cotidiano e se somam ao espaço vivido, dominando-o e alcançando o que há de mais sutil na paisagem, que passa a configurar-se como uma extensão da própria subjetividade.

Ao estabelecer esse diálogo entre as duas artistas e suas respectivas poéticas, a pesquisa evidencia como o corpo, o espaço e a natureza funcionam como mediadores na construção de uma identidade feminina atravessada por experiências pessoais e coletivas. A aproximação entre suas obras e meu próprio processo artístico, enquanto artista visual em formação, contribui para o aprofundamento de uma linguagem autoral que também se ancora no autobiográfico e na potência simbólica da natureza como território de expressão do feminino.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Fellipe Eloy Teixeira. Relações Entre O Ser Humano E O Mundo Na Vida E Obra De Brígida Baltar. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), 2018.

BALTAR, Brígida. Passagem Secreta. Rio de Janeiro, Ed. Circuito, 2010.

BALTAR, Brígida. Marcio Doctors entrevista Brígida Baltar. [Entrevista concedida a] Marcio Doctors. Agosto - Setembro de 2010. IN: BALTAR, Brígida. Passagem Secreta. Rio de Janeiro, Ed. Circuito, 2010.

BAMONTE, J. Paisagens Íntimas na obra de Brígida Baltar: "Projeto Umidades". v. 4, p. 125–131, 1 dez. 2013.

BLOCKER, Jane. ANA MENDIETA AND THE POLITICS OF THE VENUS NEGRA. *Cultural Studies*, 12(1), pp.31–50. 1998. Disponível em: [ANA MENDIETA AND THE POLITICS OF THE VENUS NEGRA](#). Acessado em 18 Set. 2024.

CABAÑAS, Kaira M. Ana Mendieta: "Pain of Cuba, Body I Am". *Woman's Art Journal*, vol. 20, no. 1, 1999, pp. 12–17. Disponível em: [Pain of Cuba, Body I Am](#). Acessado em 12 Jan. 2025.

CAMNEV, Larissa. "Corpo-Limite: relações de pertencimento" lugar/espço" a partir das obras de Ana Mendieta e Brígida Baltar." *Revista Gama* 6.12 (2018).

CAMPOS, M. Corpo narrativo: um lugar que me atravessa. *POIÉSIS*, v. 14, n. 21–22, p. 45, 27 set. 2018.

CAMPOS, M. A Carne do Mar. São Paulo: Galeria Nara Roesler, 2018.

FABA-ZULETA, P. El cuerpo como acontecimiento. Las formas de operar de lo político en el arte de Ana Mendieta. *Arte, Individuo y Sociedad*, v. 32, n. 1, p. 133–154, 14 ene. 2020 disponível em: [El cuerpo como acontecimiento](#). Acessado em 20 Nov. 2024.

FARIAS, Agnaldo. Aqui. 2001. In: BALTAR, Brígida. Passagem Secreta. Rio de Janeiro, Ed. Circuito, 2010.

FOLKENFLIK, Robert (ed.). *The Culture of Autobiography, Constructions of Self-Representation*. Stanford University Press, 1993.

MEDEIROS, Débora Fernandes. *O abrigo poético de Brígida Baltar: um inventário para experiências político-poéticas do habitar e criar*. Dissertação (Mestrado em História da Arte) - Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2023. Disponível em: [Abrigo poético](#)

SILVA, Patricia Amorim da. How Ana Mendieta's Crisis of Identity Is Reflected In The Siluetas Series. *Multidisciplinary Scientific Journal*. Year 03, Ed. 01, Vol. 04, pp. 49-78, January of 2018. Disponível em: [Ana Mendieta's Crisis of Identity](#). Acessado em 5 Nov. 2024.